

SIMPÓSIO

A EDITORAÇÃO CIENTÍFICA COMO ARTESANATO INTELECTUAL*

Adriana Cattai Pismel²

Jonatan Sacramento³

Maria Caroline Marmierolli Tresoldi⁴

Em 1993 veio a público o primeiro número da *Temáticas*, revista criada por um grupo de pós-graduandos/as em Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/Unicamp). “Afirmção, polêmica e diálogo” foram os termos utilizados no primeiro editorial para descrever os propósitos da revista, que nascia com um duplo objetivo: (i) ser um espaço crítico para tratar de temas e questões de relevo nas Ciências Sociais e (ii) possibilitar a publicação de artigos e ensaios escritos por pós-graduandos e jovens pesquisadores/as

* As autorias deste texto fizeram parte do projeto de reestruturação da revista *Temáticas* entre 2016 e 2022 e contribuíram igualmente para a reflexão aqui proposta.

² Doutoranda em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas. Foi editora da revista *Temáticas* entre 2016 e 2023. E-mail: adrianacpismel@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5022-2141>.

³ Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. Foi editor da revista *Temáticas* entre 2016 e 2023. E-mail: jonatansacramento@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2018-7696>.

⁴ Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi editora da revista *Temáticas* entre 2016 e 2023. E-mail: carolinetresoldi@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8218-5181>.

(SANTOS, 1993). Com isso, o grupo de editores/as que fundou a revista buscava criar um espaço de trocas intelectuais que contribuísse para a divulgação de pesquisas em estágios avançados de desenvolvimento ou de trabalhos recém-concluídos, em um contexto intelectual em que os critérios de publicação em revistas conceituadas da área se tornavam mais rigorosos e restritivos para jovens pesquisadores/as.

O objetivo de ser um espaço crítico e aberto ao diálogo foi sendo concretizado nos últimos 30 anos por meio da publicação de artigos, resenhas, entrevistas, traduções e ensaios fotográficos, sendo que desde 2001 o foco da revista passou a ser a publicação de dossiês temáticos. Olhando para o arquivo de publicações, sobretudo nas últimas duas décadas, é possível notar que cada número traz um tema interdisciplinar, escolhido pelo comitê editorial em função de sua relevância e atualidade teórico-metodológica nas Ciências Sociais. Atualmente, além do comitê ser composto por pós-graduandos/as do IFCH/Unicamp – vinculados/as aos programas de pós-graduação em Ciências Sociais, Sociologia, Ciência Política, Antropologia, Ambiente e Sociedade e Demografia –, procuramos incluir estudantes de pós-graduação na organização dos dossiês, internos ou externos à Unicamp, de modo a continuar fomentando um espaço de trocas e aprendizado daquilo que consideramos outra dimensão da atividade intelectual nas Ciências Sociais: a editoração científica.

Sabemos que as revistas científicas, em geral, “têm alta taxa de natalidade acompanhada de alta taxa de mortalidade” (PESSANHA, 2017, p. 617). Construir e editar uma revista produzida por pós-graduandos/as durante três décadas é uma tarefa cheia de obstáculos e dificuldades. Aqui, buscaremos descrever a experiência editorial de reestruturação da *Temáticas* nos últimos seis anos (2016-2022), quando um grupo de editores/as assumiu o comitê e desenhou um projeto de médio prazo para a revista, em consonância com as mudanças mais amplas que ocorreram na pós-graduação brasileira e nos periódicos científicos nos últimos anos. Mais especificamente, procuramos compartilhar as dificuldades desse processo e discutir o papel formativo da revista para editores/as, autores/as e avaliadores/as, com vistas a contribuir com discussões em curso sobre os desafios e as possibilidades da editoração científica no país. Sugerimos,

ao final, que a editoração no âmbito das Ciências Sociais pode ser pensada como uma forma de artesanato intelectual que se faz coletivamente e que, no caso de revistas discentes, precisamos encontrar um equilíbrio para seguir as normas que orientam o mundo da editoração científica e ter sensibilidade com todos que constroem cotidianamente uma revista.

A REESTRUTURAÇÃO DA *TEMÁTICAS* (2016- 2022)

A *Temáticas*, como grande parte das revistas científicas discentes, tem uma história marcada por intermitências e descontinuidades. Como se trata de um trabalho coletivo e voluntário, composto fundamentalmente por estudantes, o comitê editorial é muito rotativo, o que dificulta construir projetos de longo prazo.⁵ Cada geração de editores/as parece sempre começar o trabalho do zero, o que têm impactos decisivos em diferentes frentes do processo de editoração. A pretensão da revista, por exemplo, sempre foi publicar dois números anuais, mas nem sempre a periodicidade semestral foi cumprida. Além de termos alguns números duplos, ainda tivemos atrasos recorrentes nas publicações, já que muitas vezes a revista foi gerenciada por um número reduzido de editores/as, isso quando não ficou brevemente abandonada.

Pensando nisso, o primeiro compromisso que assumimos quando entramos na revista, em 2016, foi formar um comitê editorial numeroso e diverso, composto por discentes de diferentes programas de pós-graduação do IFCH/Unicamp.⁶ Além da variedade de áreas no âmbito das

⁵ Importa mencionar que durante as três décadas de existência, a publicação do periódico foi possível graças ao trabalho coletivo dos/as estudantes, mas também do apoio de docentes e funcionários/as do IFCH/Unicamp, especialmente nos processos burocráticos que não podem ser firmados pelos/as pós-graduandos/as.

⁶ Além dos três autores que assinam este texto, fizeram parte do comitê editorial que liderou o projeto de reestruturação da revista os/as pós-graduandos/as: Antonio Marcos Santos, Flávia Paniz e Sydnei Melo. Já passaram pela revista nos últimos anos e contribuíram com o projeto de reestruturação: Enrico Bueno, Rúbia Marcussi Pontes, Kelly Cristina de Moraes Camargo, Alma Monges, Augusto Schmidt, Fernanda Folster de Paula, Camila Teixeira Lima, Amanda Gonçalves Serafim e Juliana Lobo. Atualmente contamos com dois docentes para nos auxiliar em assuntos burocráticos juntos aos órgãos da universidade, que assumem o papel de editores-chefes: Maria Conceição da Costa e Roberto Luiz do Carmo.

Ciências Sociais, procuramos encontrar também um equilíbrio em termos de diversidade – de gênero, raça, geração, filiação institucional etc. – para compor nosso conselho editorial nacional e estrangeiro, bem como o corpo de pareceristas, a fim de tornar nosso olhar cada vez mais refinado para os vários tipos de manuscritos recebidos. Com isso, passamos a trabalhar prioritariamente na regularização da periodicidade, fazendo chamadas públicas para os/as interessados/as em organizarem novos dossiês.

Nossa política editorial visou dar continuidade à tradição da revista de publicar dossiês com temas atuais e interdisciplinares nas Ciências Sociais e manter o periódico voltado para um público de pós-graduandos/as e recém-doutores/as. Nesse primeiro momento de reestruturação, criamos listas de e-mails pelo *Mailchimp* para divulgar nossas chamadas para todos os programas de pós-graduação em Ciências Sociais e Humanidades do país e da América Latina, e aumentamos nossa presença nas redes sociais, especialmente no *Facebook* e no *Instagram*, que passaram a ser canais importantes de divulgação de conteúdos e informações sobre a revista. Assim, conseguimos construir números com variados temas e problemas centrais nas Ciências Sociais contemporâneas,⁷ e gradualmente atraímos organizadores/as e autores/as de diferentes universidades do país e do exterior, nos desvinculando, desse modo, do caráter mais local e regional que até então caracterizou a *Temáticas*.⁸

⁷ Para ilustrar a diversidade temática, cabe conferir os assuntos dos dossiês publicados desde 2016: “Entre greves, ocupações e golpes: o Brasil de 2016” (n. 47-48/2016, número duplo); “Dinâmicas migratórias haitianas no Brasil: desafios e contribuições” (n. 49-50/2017, número duplo); “Infâncias rurais: diálogos interdisciplinares” (n. 51/2018); “Economia Feminista” (n. 52/2018); “O ciclo petista: reflexões a partir das Ciências Sociais” (n. 53/2019); “A construção social do ódio” (n. 54/2019); “Práticas médicas e terapêuticas” (n. 55/2020); “Militares e militarismos: perspectivas interdisciplinares sobre o universo militar” (n. 56/2020), “Interpretações do Brasil e dilemas contemporâneos” (n. 57/2021), “Questões ambientais pela perspectiva das Ciências Sociais: processos, conflitos e desafios” (n. 58/2021) e “Mulheres intérpretes do Brasil” (n. 59/2022). Sobre este último, importa mencionar que ele surgiu do diagnóstico que fizemos, durante o período da pandemia da Covid-19, da baixa submissão de textos escritos por mulheres, algo que vem ocorrendo também em outras revistas (cf. Pismel *et al.*, 2021; Tresoldi, *et al.* 2022). Fazemos essa menção para observar que os dossiês selecionados procuram estar em dia com discussões de relevo em nossa comunidade acadêmica.

⁸ Vale esclarecer que nas duas primeiras décadas de funcionamento a revista teve um caráter mais local – na medida em que eram publicados textos de pós-graduandos/as do IFCH/

Após quase dois anos de trabalho, retomamos nossa periodicidade testando os tempos necessários para a organização de um número e estabelecemos novas metas para reestruturar o periódico, levando em consideração especialmente o conjunto de critérios formais que orientaram o *Qualis* periódico até recentemente, tais como publicação de artigos originais, regularidade, corpo editorial diversificado, avaliação duplo-cega por pares, distribuição, indexação etc. (BARATA, 2016), mas sem perder de vista nossos objetivos e possibilidades enquanto revista discente.

Um dos principais desafios enfrentados foi o que chamamos de “virtualização” da revista, ou seja, a consolidação do periódico como publicação eletrônica. Até 2016 nossos números eram impressos e distribuídos para quase todas as universidades do país de maneira gratuita, mas por falta de recursos a revista passou a ser apenas virtual, o que nos fez repensar nossas estratégias editoriais e aproveitar essa situação para reorganizar a revista. Quer dizer, sistematizar os processos de escolha de dossiês, recepção e avaliação de manuscritos e publicação de edições em formato exclusivamente digital. Foi um trabalho feito a partir de uma reflexão coletiva sobre a produção e a circulação do conhecimento no mundo eletrônico, e principalmente sobre qual o papel de uma revista discente para quem edita e publica seus primeiros trabalhos científicos.

O que chamamos de virtualização da revista compreendeu várias etapas, entre as quais destacamos: (i) a adesão completa ao sistema *Open Journal Systems* (OJS), de modo a dar mais transparência ao processo editorial e organizar nosso trabalho de editoração; (ii) a entrada na Incubadora do Portal de Periódicos Científicos, Acadêmicos e Educacionais (INPEC) da Unicamp – espaço voltado para fornecer apoio e orientações aos periódicos produzidos pela universidade –, o que possibilitou utilizarmos o prefixo do *Digital Object Identifier* (DOI) ligado à universidade; e (iii) a indexação em bases de dados ou diretórios gratuitos, nacionais e estrangeiros, com vistas a aumentar a circulação e a visibilidade da revista.⁹

Unicamp – e regional – com autores/as concentrados/as no Sudeste.

⁹ Nos últimos anos entramos nos seguintes indexadores e diretórios gratuitos: Google Acadêmico, Latindex, Rebid, DOAJ, Diadorim, Periódicos Capes, Sumários.org e Latin Rev.

Todas essas etapas necessitaram de uma série de ajustes simultâneos em nossos procedimentos editoriais. Ao longo dos quatro últimos anos, por exemplo, reorganizamos nosso site (OJS), disponibilizando a coleção completa da revista, já que a maioria dos números anteriores a 2010 se encontravam apenas no formato impresso. Esse procedimento permitiu aumentar a divulgação dos textos e a citação dos manuscritos, além, é claro, de assegurar a memória do periódico. Também passamos a descrever de modo mais detalhado nossas políticas editoriais para autores/as, as normas de submissão, a política de direitos autorais, a declaração de privacidade, a política de acesso aberto, as regras internas etc. A busca pela clareza e transparência do processo editorial, somadas à exigência de um termo de originalidade e de um *template* para submissão de manuscritos, tornou padronizado o trabalho de autores/as e pareceristas e, em larga medida, facilitou os trabalhos realizados pelo comitê editorial.

Além disso, e talvez mais importante, procuramos aprimorar a edição dos textos. Como os artigos vêm se tornando um dos principais mecanismos de comunicação da academia (RODRIGUES, 2020), o tratamento dos manuscritos passou por processos mais cuidadosos desde o momento em que ele é recebido. Há, rapidamente, uma avaliação inicial do texto feita pelo comitê editorial para verificar se o manuscrito é adequado ao escopo da revista (*desk review*, para utilizar um termo nativo), bem como a conferência dos textos em sistema antiplágio.¹⁰ Caso o manuscrito esteja adequado, procuramos encaminhá-lo para dois avaliadores/as com domínio no tema. Em caso de divergência de opiniões, acionamos um terceiro avaliador. Sendo aprovado e revisto pelos/as autores/as, a edição final é preparada respeitando as normas que organizam os periódicos mais relevantes da área. Isso significa incluir títulos, resumos e palavras-chave em português e línguas estrangeiras (inglês e espanhol), adicionar informações sobre a autoria e sua filiação institucional, além da data de recebimento e de aprovação dos textos. Também passamos a pedir o *Open Researcher and Contributor ID* (ORCID) dos autores/as – registro

¹⁰ Utilizamos o *Turnitin* como software de verificação de originalidade e prevenção de plágio, o que oferece mais segurança ao nosso trabalho editorial. A assinatura é fornecida pela Unicamp a todas as revistas da universidade.

feito em plataforma internacional de currículos acadêmicos –, adotamos o preenchimento adequado dos metadados no sistema OJS e realizamos a leitura das provas diagramadas junto à autoria. Posteriormente atribuímos a cada manuscrito um DOI – código virtual padronizado para identificar e autenticar documentos digitais. Acreditamos que esses procedimentos conferiram qualidade aos manuscritos, além de contribuírem com a indexação dos textos e permitirem melhor circulação e visibilidade do trabalho dos/as jovens autores/as.

Esse processo de reestruturação que estamos descrevendo permitiu que a revista iniciasse uma nova etapa: desde 2019, além dos dossiês temáticos, que continuam sendo nossa prioridade, voltamos a receber manuscritos em fluxo contínuo, reativando a “seção livre”. Com isso, o número de submissões foi crescendo nos últimos semestres e temos publicado pelo menos 20 manuscritos por ano. Além disso, o número de visualizações, *downloads* e citações dos manuscritos cresceu consideravelmente. Como consequência, o fator de impacto, mensurável pelo *Google Scholar Metrics*, aumentou.

Avaliamos que o interesse crescente pela *Temáticas* – por parte de autores/as e leitores/as – reflete um lento, rigoroso e árduo trabalho coletivo que desenvolvemos como editores/as. Ainda há muito a ser feito para adequar a revista aos padrões de publicação científica nas ciências humanas, em constante mudança, mas, por ora, nossa principal preocupação é a de que a revista não sofra com novos processos de descontinuação. Na sequência, procuramos discutir as vantagens do OJS como uma espécie de “arquivo de trabalho”, e como a utilização deste sistema, ao lado da criação coletiva de protocolos editoriais, pode contribuir para a manutenção e organização de uma revista discente.

ARQUIVO DE TRABALHO E PROTOCOLOS EDITORIAIS

Como discutimos nas páginas anteriores, uma das metas estabelecidas para a reestruturação da *Temáticas* foi a adoção da Plataforma OJS. O sistema OJS é um software de código aberto que permite a gestão e publicação de periódicos eletrônicos. Essa ferramenta foi desenvolvida

pelo *Public Knowledge Project* (PKP), da Universidade da Colúmbia Britânica, com o intuito de fomentar a divulgação científica em ampla escala. Desde seu lançamento em 2001 até o presente, mais de 25 mil periódicos de acesso aberto aderiram ao sistema OJS, fazendo dele o software de gerenciamento de publicações mais popular do mundo.¹¹

De acordo com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), o OJS vem sendo bem avaliado pela comunidade de editores científicos do país por se adequar satisfatoriamente aos processos editoriais das revistas nacionais e facilitar a adoção de padrões editoriais internacionais. Seu uso é recomendado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que entende que o OJS auxilia a operacionalizar o processo editorial e “permite uma melhoria na avaliação da qualidade dos periódicos e uma maior rapidez no fluxo das informações”.¹²

Entre 2011 e 2018 o OJS serviu apenas para a publicação dos números eletrônicos da *Temáticas* e como plataforma de informações sobre as políticas de submissão. Contudo, decidimos utilizar integralmente o sistema a partir de 2018, migrando anualmente para as versões atualizadas. Nessas ocasiões (adoção e atualizações do sistema), a Incubadora do Portal de Periódicos da Unicamp nos ofereceu workshops de treinamento e cartilhas informativas sobre como operar esse sistema e adaptá-lo ao nosso processo editorial. Hoje, após mais de quatro anos usando o OJS, podemos constatar o quanto ele contribuiu para a reestruturação da revista, servindo como uma espécie de “arquivo de trabalho”.

O OJS possui diversas ferramentas que auxiliam o trabalho editorial, dentre as quais destacamos: o envio, armazenamento e gerenciamento online de todo o conteúdo da revista; a possibilidade de configurar o fluxo editorial conforme as particularidades de cada periódico; a integração com outros serviços de publicação acadêmica, como ORCID, *Crossref* e

¹¹ *Open Journal Systems*. Public Knowledge Project, s/d. Disponível em: <<https://pkp.sfu.ca/ojs/>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

¹² OJS. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.br/ibict/pt-br/assuntos/tecnologias-para-a-informacao/ojs>>. Acesso em: 18 mar. 2023.

Directory of Open Access Journals (DOAJ)); e o registro do processo editorial de cada manuscrito – desde a submissão, passando pela designação de avaliadores/as, o recebimento dos pareceres e as trocas feitas entre todas as partes envolvidas, até chegar ao texto final que será publicado.

A adoção do sistema OJS trouxe algumas vantagens para a *Temáticas*, que convém especificar. Primeiro, nos deu a possibilidade de reunir em uma única plataforma a maior parte das tarefas e dos prazos a serem cumpridos, mantendo, assim, o registro das ações realizadas, o que facilitou nosso trabalho como editores/as. Se antes do OJS nosso trabalho se encontrava diluído em diferentes planilhas, pastas compartilhadas e trocas de e-mails com organizadores/as de dossiês, avaliadores/as e autores/as, após adotá-lo pudemos concentrar tudo em um “arquivo” e ter uma visão global do nosso trabalho de editoração, assim como da própria trajetória da revista.

A segunda vantagem é a de que o histórico de atividades oferecido pelo OJS trouxe maior transparência à revista, permitindo que se recupere rapidamente estatísticas e informações amplas sobre nossas atividades editoriais. Além do mais, permite que o Setor de Publicações do IFCH/Unicamp e a Incubadora do Portal de Periódicos da universidade acompanhem todas as etapas do processo editorial. Essa proximidade e compartilhamento de informações facilita que seus funcionários nos auxiliem mais prontamente quando necessário ou que sugiram rotas mais adequadas para alguma etapa do processo de editoração.

Terceiro, entendemos que a adoção do sistema OJS durante o período de reestruturação da *Temáticas* ajudou a catalisar esse processo. Adotamos o OJS no final do segundo ano de gestão do novo comitê editorial, de modo que fomos nos acostumando a usá-lo ao mesmo tempo em que íamos aprendendo a ser editores/as. O uso desse sistema nos ajudou a visualizar as diferentes etapas do processo editorial em um todo e desenvolver uma rotina de editoração. Além disso, também contribuiu para que tivéssemos noção do nosso próprio ritmo de trabalho coletivo, o que foi essencial para atingirmos a atual periodicidade do periódico – dois números por ano, contendo um dossiê cada, além de artigos em fluxo contínuo.

Outra contribuição trazida pelo OJS foi a de que, a partir das cartilhas, manuais e mesas de discussões promovidas pela Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC) que ensinavam como usar esse sistema, fomos desenvolvendo protocolos mais adequados para revistas discentes. A elaboração de procedimentos claros e transparentes surgiu da necessidade de registrarmos nossos aprendizados coletivos para dar estabilidade ao fluxo editorial dentro do OJS. Desde 2018 estamos criando protocolos para o fluxo contínuo, organização de dossiês, aceite e negativa de manuscritos para autores/as, formulário de avaliação dos textos para pareceristas, manual para corrigir e normatizar os textos seguindo as regras da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) etc. Esses documentos não são estáticos; eles são reescritos à medida que novos aprendizados e mudanças de regra ocorrem. De modo geral, os protocolos são registros do nosso processo coletivo de aprender esse ofício, e trazem maior segurança e impessoalidade ao trabalho de editoração, já que eles contêm os procedimentos que já funcionaram em diferentes ocasiões.

Pensando a longo prazo, acreditamos que a utilização do OJS como arquivo de trabalho e a organização de protocolos contribuirão para manter a estabilidade e periodicidade da revista. Uma vez estruturado o processo editorial e definida a forma de executar cada tarefa, o comitê editorial pode manter a qualidade e foco do trabalho independente de quem sejam os/as editores/as, porque tanto o OJS quanto os documentos que redigimos eliminam diversas dúvidas e facilitam o trabalho de ensinar aos/às novos/as editores/as o trabalho de editoração que aprendemos a fazer de forma coletiva e artesanal, e que hoje faz parte de nosso ofício como cientistas sociais.¹³

¹³ Importa notar que os protocolos não têm um valor formativo apenas para os/as editores/as, mas para todas as partes envolvidas nesse processo. Por exemplo, quando um manuscrito é aprovado com correções obrigatórias, a autoria recebe não apenas os pareceres como também um protocolo indicando como a revisão e formatação do manuscrito deve ser feita. Desde que adotamos esse procedimento, verificamos que os/as autores/as apresentam versões finais mais acabadas e temos menos trabalho na etapa final de revisão e normatização técnica, realizado pelos próprios integrantes do comitê editorial.

Na próxima seção discutimos mais detalhadamente sobre como foi (e tem sido) o processo de aliar a identidade da revista *Temáticas* à aprendizagem dos múltiplos papéis que envolvem a editoração de um periódico discente nas Ciências Sociais.

A EDITORAÇÃO E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM COTIDIANA

O processo de produção de uma revista científica vem possibilitando a aprendizagem de diferentes dinâmicas que envolvem o mundo acadêmico, sobretudo pela característica singular da *Temáticas* que já foi destacada aqui: ser uma revista para um público de pós-graduandos/as feita por pós-graduandos/as. Assumir o processo de renovação de seu comitê editorial e das ideias que ali circulavam sem, no entanto, perder essa identidade, foi e continua sendo um processo de múltiplas aprendizagens. Se a adoção de uma plataforma de gestão do fluxo editorial (OJS) nos auxiliou na feitura e na organização do trabalho editorial, ela também deu contornos aos papéis que cada um de nós vinha desempenhando até então.

De editores/as a autores/as, passando por organizadores/as de dossiê e pareceristas, o processo de composição de cada um dos números da *Temáticas* nos permitiu conhecer e nos familiarizar com os diversos papéis envolvidos na composição de uma publicação científica, processo no qual sempre esteve também refletido nossas aspirações e compromettimentos políticos e intelectuais enquanto pós-graduandos/as. Analisando em retrospecto e tentando dar sentido ao mundo e às nossas experiências, as escolhas de temas para os dossiê, as flexibilizações de prazos quando se fez necessário, o processo de edição junto aos/às organizadores/as, autoras/es e trabalhadores/as administrativos/as da universidade sempre procurou se pautar em um trabalho que fosse a um só tempo crítico em suas proposições e responsável e ético com todos os que, de alguma forma, estavam envolvidos com ele.

Alguns exemplos desse caráter crítico e responsável podem ser encontrados em como aprendemos a desenvolver os papéis de editoras/es, organizadoras/es, autoras/es e pareceristas. Menos do que evidente,

desempenhá-los se apresenta como tarefa constante na organização de nossa rotina editorial. Como editores/as, por exemplo, temos a necessidade de olhar integralmente para o processo de criação de um número, que começa a ser desenhado a partir da escolha de um tema para o dossiê, passa pelo processo de recebimento dos manuscritos, seguidos da avaliação por pares e revisão dos artigos, bem como pela gestão dos artigos de fluxo contínuo. Esse processo é feito a partir de prazos exigidos pelas instituições com as quais lidamos e aqueles prazos que nós mesmos assumimos enquanto comitê editorial para manter a regularidade do periódico. Ter essa visão ampla e estar ciente do que está se passando em cada uma das etapas desse processo tem nos garantido uma coerência enquanto projeto editorial que se mostra refletida em cada um dos números que lançamos.

Ainda que tais tarefas sejam divididas pelos membros do comitê editorial e por outras figuras que desempenham papel fundamental na composição de um número temático, como organizadores/as de dossiês, que assumem a posição de editores/as convidados/as, sempre lançamos mãos de reuniões e trabalhos em equipe como forma de nos mantermos atualizados sobre o andamento de todas as frentes de editoração. Evidentemente tal tarefa se mostra cheia de desafios, e não raro cometemos alguns equívocos enquanto aprendemos a ser editores/as, mas por isso mesmo tem sido um processo formativo singular.

Na escolha dos dossiês, por exemplo, aprendemos que se fazia necessário, além da originalidade e adequação político-intelectual da proposta, garantir o seu caráter de exequibilidade. Quer dizer, sua inscrição em um campo intelectual que, se não exatamente consolidado, ao menos pudesse agregar pesquisas de diversas instituições e não apenas de um determinado grupo ou universidade, de forma a garantir a pluralidade de ideias e perspectivas teórico-metodológicas. Ao mesmo tempo, passamos a levar em conta a experiência dos/as organizadoras/es com as dinâmicas de publicação científica, principalmente porque, grosso modo, são também pós-graduandas/os as/os responsáveis pela maioria das propostas de dossiês recebidas e selecionadas. Nesse sentido, optamos por recomendar, nos casos em que se fazia necessário, a presença de um/a doutor/a no corpo de organizadores/as. Ao chamar uma pessoa mais experiente nas

dinâmicas de publicação científica, nosso objetivo vem sendo tornar o trabalho de organização de um dossiê o mais fluído possível – para nós, do comitê editorial, e para a comissão organizadora dos dossiês.

No processo de editoração, duas figuras fundamentais trazem questões desafiadoras para o desenvolvimento do nosso trabalho. Uma delas é o/a parecerista, que possui influência significativa no destino dos manuscritos. Por se tratar de uma tarefa desempenhada de forma voluntária e possuir pouca relevância na progressão das carreiras acadêmicas, o trabalho do/a parecerista é, muitas vezes, negligenciado. Desde a escolha das pessoas mais qualificadas para o trabalho da avaliação dos artigos, alguém que conheça e domine o tema e a perspectiva teórica assumida, que possua titulação mínima para a compreensão da natureza do trabalho e que esteja disponível para a realização da tarefa, o exercício de mediação feito entre o membros do comitê editorial com o corpo de pareceristas é, sem dúvida, um dos mais desafiadores e centrais para a garantia da qualidade do trabalho desenvolvido pela *Temáticas*.¹⁴ Essa tarefa não se resume apenas na escolha e designação dos textos e dos/as pareceristas, mas continua quando do recebimento dos pareceres e da ponte, ou mediação, feita entre esses objetos textuais e a figura da autoria. Em muitos casos, por exemplo, os/as editores/as precisam fazer um trabalho de “polimento” dos pareceres, garantindo que sejam respeitosos e estimulantes para o amadurecimento dos textos submetidos.

Outra figura fundamental é o/a autor/a do manuscrito, que é, afinal, o coração de uma publicação científica. No entanto, temos aprendido, esse órgão não pulsa sozinho e, para bem desempenhar suas funções, precisa estar regulado com uma série de requisitos que são internos ao programa intelectual da revista ou são externos, já consolidados em uma tradição de redação nas Ciências Sociais e na redação científica em geral. Com a ela-

¹⁴ Convém ressaltar que, de modo geral, temos optado por jovens pesquisadores/as para os processos de avaliação. Elegemos entre os/as avaliadores/as pelo menos um/a doutor/a, mas, quando possível, incluímos também doutorandos/as em anos finais de formação. Nossa experiência tem mostrado que esse grupo aceita mais prontamente o convite para avaliação, além de dar pareceres qualificados e mais detalhados, contribuindo, assim, para o amadurecimento e refinamento analítico dos textos recebidos.

boração de critérios cada vez mais rigorosos de avaliação da produtividade científica feitas pela CAPES e por outras agências financiadoras, estudantes vêm publicando seus trabalhos cada vez mais cedo e, frequentemente, estão despreparados/as para a primeira publicação científica. Vimos, nesses anos, que isso ocorre mesmo entre jovens doutores/as.

A exigência da produtividade traz demandas inesperadas para as revistas, que vêm ocupando espaços centrais nos processos de avaliação de produtividade científica de pesquisadores/as e instituições (PESSANHA, 2017). Temos percebido, além de uma ansiedade dos/as autores/as com o tempo de edição e publicação dos textos, uma significativa fragilidade nos manuscritos submetidos – seja em termos teórico-metodológicos, seja em questões de formatação básica de um trabalho acadêmico. Por essa razão, entendemos que o trabalho de editoração em revistas discentes é também um trabalho pedagógico e afetivo para quem o faz e para quem o media. Nós, editores/as, enquanto pós-graduandos/as, também aprendemos como escrever nossos próprios artigos e pareceres, e amadurecemos nosso olhar quanto ao reconhecimento das diversas formas que um texto científico pode assumir (artigo, capítulo, ensaio, resenha etc.), reconhecendo seus limites e suas potencialidades. E isso, no papel de editores/as científicos/as, é central para a manutenção da qualidade dos textos publicados e para garantir que os/as autores/as que optaram por colaborar com a *Temáticas* tenham seus trabalhos respeitados enquanto produto intelectual de um processo de formação.

Diante disso, argumentamos que desempenhar o papel de membros do comitê editorial de uma revista científica de/para pós-graduandos/as, fazendo as vezes de mensageiros/as, administradores/as, editores/as, e dialogando com pareceristas, autores/as e organizadores/as, é também uma forma de atividade intelectual que nos convida i) a aperfeiçoar o projeto editorial da revista *Temáticas*, ii) a refletir sobre nosso próprio processo de escrita acadêmica (de artigos e de pareceres) e iii) a pensar e atuar nas Ciências Sociais brasileiras, afinal, a editoração é uma forma de se manter atualizado com as questões e temáticas que estão sendo mais abordadas, bem como jogar luz a temas relevantes ainda discutidos marginalmente. É no cotidiano desses papéis que temos nos empenhado,

apesar das dificuldades de se produzir uma revista científica nos últimos anos em que nossa área – como, inclusive, toda a ciência brasileira – vem sofrendo com cortes de financiamento seguidos.

CODA

As revistas científicas produzidas por discentes possuem inúmeros desafios para sua estabilidade e perenidade. A começar pela falta de recursos que vem atingindo o conjunto das revistas científicas brasileiras, algumas já apresentando processos de descontinuidade ou sendo interrompidas. No caso da *Temáticas*, ao longo dos anos, a única fonte de financiamento veio da direção do IFCH/Unicamp, que arcou com os custos de impressão e distribuição até 2016 e pagou o DOI até 2021 – despesa atualmente assumida pelo Portal de Periódicos da Unicamp. Mas se trata, a nosso ver, de uma situação quase excepcional, pois a revista conta tanto com o apoio do IFCH, através de seu Setor de Publicações, que faz o processo de diagramação e publicação dos textos na plataforma OJS, quanto com o suporte técnico da Incubadora de Periódicos da Unicamp, que hospeda o site da revista e realiza a manutenção necessária do sistema. Ou seja, a *Temáticas* possui um suporte institucional imprescindível da universidade, que empenha parte de seu orçamento na folha de pagamento de funcionários/as e em estruturas responsáveis pela manutenção dos periódicos científicos. O resto do trabalho envolvido nas diferentes etapas que compõem a editoração da *Temáticas* é voluntário, inclusive o processo de revisão gramatical e normativa dos artigos, que passa pela leitura cuidadosa de diferentes editores/as e organizadores/as de dossiês. Ter esse suporte institucional e trabalho voluntário engajado faz com que nossa principal preocupação, neste momento, não seja o financiamento.

A preocupação central, como já indicamos, é manter a regularidade, a estabilidade e a manutenção do projeto original do periódico. Tendo isso em vista, buscamos construir o OJS como nosso arquivo de trabalho e criamos um conjunto de protocolos para contribuir com a organização da revista. Com a entrada de novos membros no comitê editorial, passamos a treinar uma nova geração de editores/as com certa estrutura que era inexistente

quando assumimos o comitê. Entendemos que o trabalho que os/as editores/as fazem é especializado e laborioso, e que só se aprende com prática e decisões compartilhadas sobre o processo de editoração. Considerando o caráter rotativo dos editores/as, que, como já indicamos, é uma das marcas das revistas discentes, pensamos que esse conjunto de procedimentos mais impessoais, por assim dizer, podem ter efeitos positivos a longo prazo.

Para encerrar esse breve relato de nossa experiência à frente do comitê editorial da *Temáticas*, convém enfatizar que todo nosso trabalho vem sendo baseado em reflexões sistemáticas sobre o papel do nosso periódico na divulgação de estudos de jovens pesquisadores/as e sobre as possibilidades de inserção das revistas discentes no cenário nacional de editoração científica. A experiência acumulada de ensaios, erros e acertos, e a troca com editores/as de outros periódicos possibilitou perceber quais as normas e inovações de grandes revistas da área podem ser pertinentes para aperfeiçoarmos nossa produção e quais são aquelas inviáveis ou inacessíveis para pequenas revistas. Como os periódicos produzidos por discentes não conseguem acessar grandes bases de indexação, dado o rigor dos índices de referência e as limitações próprias de nossas revistas, conseguimos ter alguma liberdade e autonomia para trabalhar. Justamente por isso, procuramos equilibrar os protocolos que organizam o mundo científico com sensibilidade para todos que constroem cotidianamente a revista.

Talvez o fato de sermos um periódico feito por pós-graduandos/as para um público de jovens pesquisadores/as possibilite trocas mais horizontais com todas as figuras envolvidas no processo editorial. A editoração científica para todas essas figuras tem uma dimensão formativa singular. Por isso argumentamos, inspirados nas formulações de Wright Mills (2009), que a *editoração nas Ciências Sociais é uma forma de artesanato intelectual*: é um ato crítico, político e afetivo, além de ser um modo de pensar as Ciências Sociais de modo mais integrado, para além da especialização em voga. É, ainda, um tipo de ofício que se aprende na rotina editorial, construindo e reconstruindo os arquivos de trabalho e discutindo continuamente o processo.

REFERÊNCIAS

- BARATA, Rita de Cássia Barradas. Dez coisas que você deveria saber sobre o Qualis. *Revista Brasileira de Pós-Graduação*, v. 13, n. 30, pp.13-40, 2016. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/boletins/index.php/ppec/article/view/9046>>. Acesso em: 05 out. 2021.
- MILLS, Charles Wright. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- PESSANHA, Charles. 50 Anos de DADOS – Revista de Ciências Sociais: Uma Introdução à Coleção. *Dados*, v. 60, n. 3, pp. 605-622, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/001152582017130>>. Acesso em: 11 out. 2021.
- PISMEL, Adriana; MONGES, Alma; SCHMIDT, Augusto; PAULA, Fernanda; SACRAMENTO, Jonathan; CAMARGO, Kelly; TRESOLDI, Maria; PONTES, Rubia. Carta do comitê editorial. *Temáticas*, Campinas, SP, v. 29, n. 57, pp. 6-9, 2021. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/15651>>. Acesso em: 28 out. 2021.
- RODRIGUES, Cristiano. Como publicar um artigo acadêmico?, *Blog DADOS*, 2020. Disponível em: <<http://dados.iesp.uerj.br/como-publicar-um-artigo/>>. Acesso em: 05 out. 2021.
- SANTOS, Maria Odete. Apresentação. *Temáticas*, Campinas, SP, v. 1, n. 1, pp. 5-8, 1993. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11209>>. Acesso em: 18 out. 2021.
- TRESOLDI, Maria Caroline M.; LIMA, Camila; PAULA, Fernanda Foster de; PISMEL, Adriana Cattai; SACRAMENTO, Jonatan; CAMARGO, Kelly O ciclo da pandemia e o trabalho de editoração científica: carta do comitê editorial. *Temáticas*, Campinas, SP, v. 30, n. 59, pp. 6-9, 2022. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/16203>>. Acesso em: 30 set. 2022.

Texto recebido em 01/06/2023 e aprovado em 20/07/2023